

O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O CONGRESSO DOS CONSTRUTORES DO COMUNISMO FIGARÁ PARA SEMPRE NA HISTÓRIA O PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA É O MANIFESTO COMUNISTA DA ÉPOCA ACTUAL

RESOLUÇÃO DO CC DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS SOBRE O XXII CONGRESSO DO P.C.U.S.

O Comité Central do Partido Comunista Português, analisando o excepcional significado histórico do XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética (P.C.U.S.), realizado em Moscovo na segunda quinzena de Outubro de 1961, e em que esteve presente uma delegação do nosso Partido encabeçada pelo seu secretário geral, camarada Álvaro Cunhal, manifesta o seu inteiro apoio às teses e resoluções desse Congresso e chama a atenção de todo o Partido, de todos os trabalhadores e democratas portugueses para o valor e projecção que tal Congresso tem em relação ao nosso próprio país, em relação a toda a humanidade.

A ideia duma sociedade nova, em que os bens materiais existentes em abundância, em que os homens se sentissem irmãos de todos os homens, em que uma alta cultura, a pureza moral e o vigor físico se tornassem características de toda a humanidade, foi uma aspiração alimentada de há muito pelos espíritos mais avançados e generosos.

Foram Marx e Engels que descobriram as leis da evolução social e, pondo em evidência o papel histórico mundial do proletariado, desvendaram o caminho que conduziria a essa nova sociedade — a sociedade comunista. A sua obra «Manifesto Comunista», publicada em 1848, tornou-se desde então um guia fundamental para todos os operários conscientes, para todos os homens esclarecidos.

Foi na União Soviética que a teoria marxista, desenvolvida por Lênine, encontrou pela primeira vez a sua expressão prática. Pela primeira vez em todo o mundo, se construiu uma sociedade em que foi suprimida a exploração do homem pelo homem — a sociedade socialista, primeira fase da nova formação social e económica.

A construção do socialismo é necessária para se poder passar à construção da sociedade comunista, da sociedade cujo princípio é: «de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo as suas necessidades».

Passados 44 anos da Revolução proletária, 44

anos de grandes esforços para criar e desenvolver o socialismo, tendo de enfrentar invasões e guerras provocadas pelos capitalistas, a União Soviética lança-se audaciosamente na construção da sociedade comunista.

Em Outubro passado, perto de cinco mil congressistas, apoiados pelos representantes de mais de oitenta partidos comunistas e operários, aprovaram vibrantemente o novo Programa do P.C.U.S. — o Programa da Construção do Comunismo. Os presentes a esse Congresso sabiam que estavam vivendo um momento histórico de excepcional importância para toda a humanidade.

O novo Programa do P.C.U.S. aponta o que é o comunismo e como o projectam construir, e construirão, os comunistas soviéticos, todo o povo soviético. Esse documento, de grande valor político e teórico, caracteriza cientificamente a sociedade em que vivemos e, aplicando a teoria marxista-leninista à nossa época, enuncia novas teses que definem e explicam os fenómenos económicos, sociais e políticos da actualidade.

Tal Programa é o mais importante documento político dos nossos dias, é o «Manifesto Comunista» da época actual. Ele deverá ser lido e estudado atentamente por todos os militantes comunistas, pelos operários, trabalhadores e homens progressivos.



O sistema socialista mundial converte-se no factor determinante da evolução da sociedade humana

O XXII Congresso do P.C.U.S. reafirmou que «a lei fundamental da nossa época é o desenvolvimento e consolidação das forças vitais do sistema socialista mundial».

A União Soviética, de país atrasado quer na indústria quer na agricultura, tornou-se a segunda potência industrial do mundo, com uma agricultura altamente desenvolvida e mecanizada. Os seus ritmos de desenvolvimento aproximam-na rapidamente dos Estados Unidos. A sua produção industrial era há dez anos de menos de 50 por cento da deste país e em 1961 era já superior a 60 por cento.

Desde a Revolução Socialista de 1917 o salário real dos operários foi multiplicado por 5,8 e o rendimento real dos camponeses por 6. Nos últimos cinco anos as vendas a retalho subiram mais de 50 por cento. Desde 1960 a jornada de trabalho não ultrapassa as 7 horas reduzindo-se a 6 horas para certas profissões.

A União Soviética está hoje à frente de todos os países no que respeita à ciência e à técnica e é o país militarmente mais poderoso do mundo. A sociedade soviética é a sociedade mais instruída. Durante o poder soviético a duração média da vida aumentou para mais do dobro sendo hoje o país de mais fraca mortalidade.

As grandes vitórias que, sob a direcção do pensamento genial de Lênine, foram conseguidas na União Soviética pela ditadura do proletariado, juntamente com a criação e os sucessos do campo socialista modificaram decisivamente a correlação de forças mundial. O sistema socialista mundial torna-se o factor determinante da evolução da sociedade humana.

Vivemos a época da passagem do capitalismo para o socialismo

Enquanto na União Soviética se processa a passos largos o seu desenvolvimento, o mundo capitalista vê-se a braços com contradições profundas e agudas que o minam e destroem.

Conforme foi citado no XXII Congresso, é um destacado economista, Kennet Bouding, que afirma: «O mundo encontra-se perante um dilema monstruoso que ele próprio criou: alargar o consumo por meio da guerra ou então diminuir a produção por meio das crises e do desemprego».

Este é o panorama que o mundo capitalista oferece aos homens, na altura em que entra numa nova fase da sua crise geral. Com o objectivo de procurar ultrapassá-la e de fazer face ao movimento revolucionário, ele tem recorrido ao capitalismo monopolista de Estado que procede à fusão da força dos monopólios e da força do Estado. Mas nos marcos do capitalismo, nunca poderão ser resolvidas as suas contradições antagónicas.

Em Portugal o capitalismo monopolista de Es-

tado tomou a forma dum regime fascista, duma ditadura terrorista dos elementos mais reacçãoários da alta burguesia.

«Os monopólios capitalistas são o principal inimigo da classe operária». Assim afirma o programa do P.C.U.S., que acrescenta: «Eles são também o principal inimigo do campesinato, dos artesãos e outros pequenos proprietários da cidade, da maioria dos empregados e dos intelectuais, e mesmo duma parte dos capitalistas médios».

Por isso é possível criar uma potente unidade anti-monopolista com todas essas camadas vitalmente interessadas na liquidação dos monopólios.

Entre nós, ante o regime fascista, embora a repressão terrorista crie dificuldades específicas à acção democrática, é possível criar laços mais fortes de unidade entre as diversas camadas que são espezinhadas e reprimidas pela força todo-poderosa dos monopólios.

Vivemos na época da passagem do capitalismo ao socialismo. As condições internacionais e internas de cada país são hoje mais favoráveis para essa passagem. Sem esquecer as dificuldades que as forças revolucionárias têm que vencer, ela pode, em determinadas circunstâncias, seguir uma via pacífica.

Em Portugal, em que domina o regime mais reacçãoário, terrorista, do capital financeiro, o caminho para o socialismo terá de passar pela luta difícil e dura da conquista da liberdade política. Essa luta, em que a acção da classe operária deverá ter um papel determinante, será levada a cabo pela unidade das mais amplas camadas da população e correntes anti-fascistas. Essa luta para derrubar um regime que assenta o seu poder na mais dura repressão deverá, por isso mesmo, assumir, o mais provavelmente, a forma violenta dum levantamento em massa da Nação.

Como se diz no Programa do P.C.U.S. «a luta democrática geral contra os monopólios longe de afastar, aproxima a revolução socialista. A luta pela democracia é parte integrante da luta pelo socialismo».

Assistimos aos últimos dias do sistema colonial

A realização e a consolidação do socialismo possibilitaram o desenvolvimento e as vitórias do movimento de libertação nacional. «Quarenta e dois estados soberanos nasceram sobre as ruínas dos impérios coloniais», afirmou o camarada Kruchtchov no XXII Congresso. Após tal afirmação conquistou Tanganika a independência. A recente vitória da Argélia é, posteriormente, um novo e poderoso testemunho da época em que vivemos.

O movimento de libertação nacional tem assestado e continuará a assestar golpes profundos no sistema imperialista mundial.

Apesar dos recursos empregados e da repressão criminosa praticada por Salazar, do sacrifício inútil e cruel de muitos jovens soldados, da ajuda

poderosa dos seus comparsas da NATO, a inevitável evolução histórica e os acontecimentos dos nossos dias afirmam que Angola será em breve também uma nação independente. Todos os povos que vivem nas colónias ganharão a sua auto-determinação e independência, pois o colonialismo está chegando ao fim do seu império de escravidão, de espoliação e de crime.

Para todos esses povos coloca-se o problema da via que devem escolher para o seu desenvolvimento. Actualmente é-lhes possível comparar a via capitalista, de sofrimento e de opressão, e a via socialista realizada por um terço de toda a humanidade, via de liberdade e de felicidade.

Essa escolha, que é um assunto interno de cada povo, dependerá da relação das forças de classe. A acção resoluta da classe operária, a sua aliança com o campesinato, a luta das massas populares, assegurarão a via do desenvolvimento não capitalista, a qual corresponde aos interesses da maioria absoluta da Nação.

A guerra não é já fatal

De novo o XXII Congresso do P.C.U.S. voltou a afirmar que o problema capital dos nossos dias é o da guerra e da paz.

As características dos dois grandes sistemas em presença põem a nu a quem pode interessar a guerra e a quem pode interessar a Paz. Ainda muito recentemente o presidente Kennedy afirmou que encara a possibilidade dos Estados Unidos terem a iniciativa do uso das armas termo-nucleares. Esta afirmação monstruosa mostra que, apesar de todas as acções pela Paz, os imperialistas, encabeçados pela burguesia monopolista dos Estados Unidos, se tornam cada vez mais arrogantes.

Mas actualmente a relação das forças políticas, económicas e militares mudou a favor do campo da Paz. Em virtude da política firme da União Soviética foi possível impedir o estalar de conflitos em vários pontos do globo. A política em defesa da Paz da União Soviética assenta na sua superioridade técnica, científica e militar e tem o apoio não só de todo o campo socialista, como de muitos jovens estados nacionais e das massas populares dos países capitalistas. Esta política tem conseguido salvar a humanidade dos horrores duma nova guerra.

Por isso a afirmação, feita já no XX Congresso do P.C.U.S., de que é possível conjurar a guerra não representa uma subestimação do imperialismo. Nas resoluções do XXII Congresso figuram medidas para reforçar ainda a capacidade de defesa da URSS e foi claramente afirmado que qualquer tentativa de agressão imperialista seria pronta e inexoravelmente esmagada.

A conclusão de que, na época actual, as guerras entre os Estados não são fatais tem em conta as mudanças surgidas na arena internacional e tem tido uma confirmação prática nos acontecimentos dos últimos anos.

Também as mudanças que se deram na relação de forças mundial confere à política de coexistência pacífica entre os Estados maiores possibilidades de se firmar. A União Soviética defende consequentemente esse princípio leninista assente em que «a coexistência pacífica é uma necessidade objectiva do desenvolvimento da sociedade humana».

A consolidação da Paz pode ser assegurada, antes de mais, com o desarmamento geral e completo sob um estrito controle internacional. A abolição definitiva do jugo colonial sob todas as formas, a liquidação das consequências da II Guerra Mundial (nomeadamente a conclusão dum tratado de Paz com as duas Alemanhas e a resolução pacífica do problema de Berlim Ocidental), a resolução dos conflitos internacionais por via pacífica, a melhoria do mecanismo da ONU, etc., terão igualmente grande importância para o estabelecimento duma Paz duradoura.

A luta pela Paz, contra a preparação duma nova guerra, é a tarefa principal de todos os comunistas, de todos os partidários da Paz. Para nós, portugueses, a consolidação da Paz, a realização do desarmamento geral e completo, a abolição do colonialismo, etc., seriam bens incomensuráveis. A acção da classe operária e de todos os partidários da Paz de Portugal pela liquidação das bases militares estrangeiras no nosso território, pela Paz em Angola e pela auto-determinação e independência dos povos coloniais, pela utilização das verbas actualmente desviadas para as despesas de guerra no desenvolvimento económico, social e cultural do país, será uma importante contribuição para a luta que todos os povos travam para conquistar a Paz.

Em vinte anos será construída na URSS, nas suas linhas gerais, a sociedade comunista

O Programa do P.C.U.S. não é somente um documento de extraordinário interesse para a União Soviética. É um documento de interesse mundial; nele encontramos os traços gerais do caminho que todos os povos irão percorrer.

A construção do comunismo é o maior desafio pacífico ao mundo capitalista, é a obra mais maravilhosa dum povo. «Acabar com as guerras e estabelecer uma paz eterna sobre a terra — afirma o Programa — é a missão histórica do comunismo».

Vinte anos são previstos para realizar, na URSS, as bases fundamentais da nova sociedade.

No aspecto económico será criada a base material e técnica do comunismo. Até 1980 a produção industrial multiplicar-se-á por mais de 6 vezes. Então, ela terá um valor igual ao dobro da actual produção industrial de todo o mundo não socialista. O apetrechamento técnico e amplo desenvolvimento da agricultura conduzirão a uma produção abundante, produção que será multiplicada por 3,5 nestes vinte anos. Os Estados Unidos serão ultrapassados nas suas produções «per capita» e, depois, deixados muito para trás. O tempo de trabalho se-



manal passará nos primeiros 10 anos para 35 horas e em alguns trabalhos para 50 horas e depois será ainda reduzido. O povo soviético terá o nível de vida mais elevado do mundo e gozará da abundância dos meios materiais e culturais.

No aspecto social dar-se-á a transformação das relações sociais socialistas em relações comunistas. As diferenças essenciais entre a cidade e o campo e entre o trabalho manual e intelectual serão eliminadas. Criar-se-á uma sociedade sem classes dos trabalhadores do comunismo. O homem será educado no amor ao trabalho, será guiado pelos mais nobres ideais e atingirá uma grande cultura, a pureza moral e a perfeição física.

No aspecto político todos os cidadãos participarão na direcção dos assuntos públicos e a sociedade preparará-se para realizar completamente os princípios da auto-determinação comunista.

A União Soviética é actualmente um Estado de todo o Povo

Só com a ditadura do proletariado, que é incomparavelmente uma forma de governo mais democrática do que o mais democrático regime burguês, visto ser a ditadura das massas proletárias contra um punhado de exploradores e opressores capitalistas, só com a ditadura do proletariado, dizíamos, é possível construir a sociedade socialista.

Mas actualmente na União Soviética está realizado o socialismo, as condições que obrigavam ao emprego da ditadura do proletariado não subsistem. Assim, pela primeira vez na história, surge um Estado que não é a expressão do poder duma classe sobre outra, mas sim o instrumento do conjunto de todo o povo. «A classe operária é a única classe que na história, não se propõe perpetuar a sua dominação» disse o camarada Kruchthov num dos seus informes ao XXII Congresso.

O Estado de todo o povo, última forma de Estado, desaparecerá um dia também, mas deverá subsistir enquanto não forem cumpridas todas as tarefas que só com ele podem ser levadas até ao fim.

A sociedade comunista, diferentemente da sociedade socialista, desenvolve-se sobre a sua própria base. Isto é, enquanto a passagem da sociedade capitalista à sociedade socialista se realiza nas condições de luta de classes, a passagem à sociedade comunista dá-se quando já não há classes exploradoras, quando todos os membros da sociedade estão interessados na construção do comunismo, quando já não é necessária a ditadura do proletariado e pode criar-se um Estado de todo o povo.

Por isso métodos muito mais democráticos são aplicados. As mais largas massas são chamadas à direcção e ao controle dos organismos de Estado. Gradualmente muitas das questões actualmente da competência dos órgãos executivos, passarão a ser resolvidas pelos «soviets». O papel das organizações sociais: sindicais, juvenis, cooperativistas e associações culturais e educativas, tornar-se-á muito amplo.

Com o objectivo de chamar um maior número de pessoas à resolução dos problemas postos pela sociedade, os organismos dirigentes dos «soviets» e das organizações sociais são obrigatoriamente renovados e limitações são impostas à eleição repetida das mesmas pessoas.

Estes mesmos princípios passaram a estar inscritos nos novos Estatutos do P.C.U.S., que, de Partido da classe operária, se tornou o Partido de todo o povo soviético. A aprovação de novos Estatutos era necessária para que as formas de organização e as normas de vida interna do Partido se harmonizassem com as novas tarefas impostas pelo Programa. A construção do comunismo é uma obra gigantesca que mobiliza toda a actividade e iniciativa criadora das massas trabalhadoras, que obriga ao máximo desenvolvimento da democracia, que exige, como é afirmado no Programa, «o acréscimo do papel e da importância do Partido comunista, força que dirige a sociedade soviética».

Este é o panorama que nos dá a União Soviética e o mundo socialista. Qual o que nos dá o mundo capitalista?

Em Portugal, que faz parte do chamado «mundo livre», conhecemos bem o que representam os princípios «democráticos» do sistema capitalista. São os tais princípios «democráticos» que o Tratado do Atlântico Norte, subscrito por Salazar, afirma defender e que, no nosso país, se caracterizam pela supressão total das mais pequenas liberdades e por uma repressão terrorista que prende, tortura e assassina os que lutam pelo Pão, a Liberdade e a Paz.

O desenvolvimento político do mundo capitalista conduz ao contínuo cerceamento dos seus limitados métodos democráticos, enquanto o desenvolvimento político do mundo socialista conduz ao alargamento progressivo da democracia.

O XX Congresso iniciou uma nova fase em todo o movimento comunista internacional

As conclusões do XXII Congresso provaram a justeza das críticas feitas e das resoluções tomadas pelo XX Congresso acerca do culto da personalidade e das suas consequências.

Sem a eliminação das faltas cometidas contra as normas leninistas da vida do Partido e os princípios de direcção colectiva não teriam sido possíveis os grandes sucessos que nos últimos anos têm caracterizado o desenvolvimento económico, técnico e científico da URSS, não se teriam renovado as condições para o desenvolvimento teórico do marxismo-leninismo, não se teriam criado as possibilidades teóricas e práticas para a passagem a uma nova sociedade.

Foram as teses e a linha política leninistas aprovadas no XX Congresso que permitiram agora a apresentação da radiosa perspectiva da construção do comunismo. As teses e a linha política do XX Congresso representaram, para todo o movimento comunista internacional, o começo duma nova etapa

A derrota completa infligida pelo XXII Congresso ao grupo anti-partido que procurou impedir a denúncia ampla dos profundos males causados durante o período do culto da personalidade de Stáline, que contrariou a realização das decisões do XX Congresso, que procurou assenhorear-se do poder para fazer voltar a União Soviética ao tempo do culto da personalidade, essa derrota completa foi ainda uma vitória da linha do XX Congresso e um novo mérito do Comité Central leninista do P.C.U.S.

O culto da personalidade é alheio ao marxismo-leninismo, está em contradição com ele. Como afirmou o camarada Kruchtchov no seu relatório sobre a actividade do Comité Central: «O Marxismo não nega o importante papel dos dirigentes e dos guias da classe operária. Mas levanta-se resolutamente contra a glorificação e ainda mais contra a deificação de tal ou tal personalidade. A glorificação duma personalidade relega inevitavelmente para segundo plano o povo e o Partido, minimiza o seu papel e a sua importância».

O combate travado contra o culto da personalidade pelo P.C.U.S. e a sua eliminação, bem como as vitórias que iluminam o caminho andado posteriormente pelo P.C.U.S. são autênticas provas de que o culto da personalidade é estranho à natureza socialista do regime. Pelo contrário, ele é uma consequência do individualismo burguês, um mal da sociedade capitalista.

A força do movimento comunista internacional assenta na sua unidade

O XXII Congresso tornou públicos actos aventureiros e contrários à unidade do campo socialista dos dirigentes do Partido do Trabalho Albanês. Apesar dos dirigentes desse Partido terem assinado as Declarações comuns de 1957 e de 1960 que aprovaram a orientação do XX congresso, que condenaram o culto da personalidade, que salientaram como dever internacional supremo de cada Partido marxista-leninista o de reforçar constantemente a unidade do movimento comunista internacional, apesar dessa assinatura, os dirigentes albaneses, logo após a declaração de 1960, colocando-se nas posições do nacionalismo burguês, passaram a opor-se às teses criadoras do XX Congresso, a defender o culto da personalidade com a prática das suas piores consequências e a cometer actos inamistosos e caluniosos para com outros partidos comunistas, em particular o P.C.U.S. De todo o campo socialista só na Albânia o programa do P.C.U.S. foi publicado não inteiramente e com deformações.

Só após numerosas tentativas para normalizar as relações com o Partido do Trabalho Albanês e tendo esgotado tal meio, foi levantada esta grave questão no XXII Congresso.

Como foi dito pelo camarada Álvaro Cunhal na tribuna deste Congresso: «Nós consideramos que a posição do Partido do Trabalho Albanês não serve os interesses do movimento comunista internacional e manifestamos o nosso profundo desejo

de que esse Partido rectifique a perigosa orientação dos seus dirigentes».

O Partido Comunista Português mantém-se inteiramente fiel aos princípios do internacionalismo proletário. Defendendo os princípios do marxismo-leninismo, o Partido Comunista Português lutará quer contra o revisionismo quer contra o dogmatismo, os quais conduzem ao abandono daqueles princípios.

O comunismo é o futuro radioso de toda a humanidade

O Partido Comunista da União Soviética, vanguarda universalmente reconhecida do movimento comunista internacional, proclamou que «a geração actual dos soviets viverá no comunismo».

Essa proclamação, a aprovação do Programa para a construção do comunismo, constitui a característica fundamental do XXII Congresso.

Como é dito nesse Programa «a edificação do comunismo na URSS será a maior vitória da humanidade no decurso da sua longa história».

A leitura desse documento, que se caracteriza por um profundo humanismo comunista e por uma fidelidade criadora ao pensamento de Lénine, anima os homens, levanta-lhes poderosas energias para contribuir também com a parcela da sua actividade para um futuro belo para todos os povos.

A construção na URSS da sociedade comunista é a mais importante ajuda dada pelo P.C.U.S. e pelo povo soviético ao movimento operário internacional, a todos os trabalhadores e a todos os homens. A via está aberta para muito em breve os outros países socialistas a percorrerem. A via ficará aberta para todos os outros povos.

Essa construção está impregnada das belas aspirações que têm povoado os espíritos mais bem formados: a Paz, o Trabalho, a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade e a Felicidade. Nela se realiza a máxima: «Tudo pelo homem, para o bem do homem».

Cumprindo-se o que previram, por meio duma análise profunda e científica, os grandes clássicos do marxismo, Marx e Engels e, mais tarde, Lénine, é a classe operária a força de vanguarda que encaminha a humanidade para a sua verdadeira libertação. Junto a ela, seguindo a sua direcção, caminha cada vez um maior número de homens esclarecidos de outras camadas, povos inteiros.

Todos os passos realizados para a construção do comunismo são passos também para a conquista de milhões de homens para o ideal comunista.

A classe operária portuguesa, o nosso povo, que há perto de 36 anos vive sob o regime mais reaccionário da sociedade capitalista, sente, e sentirá cada vez mais, como as realizações soviéticas são uma ajuda muito poderosa à sua luta pela Paz, pela Democracia, pelo Socialismo.

Abril de 1962

O Comité Central do
Partido Comunista Português



APROVEITEMOS A EXPERIÊNCIA DA LUTA NAS ÚLTIMAS «ELEIÇÕES»

As lutas populares de Outubro-Novembro de 1961 em torno das «eleições» fascistas de deputados foram um êxito do nosso Partido e do conjunto das forças democráticas no caminho para o levantamento nacional. Neste momento, em que a luta popular no nosso País está atravessando um novo ascenso revolucionário, é de grande importância para o Partido saber estudar as lições da última campanha «eleitoral» e apetrechar-se para conduzir com êxito novas lutas de grande envergadura.

1.º A linha do Partido triunfou sobre o oportunismo

Na questão de saber qual a posição a tomar pelas forças democráticas em face da manobra eleitoral fascista definiram-se com clareza duas linhas de actuação opostas.

Uma importante corrente de democratas liberais combatia a intervenção nas «eleições», argumentando que isso seria levar o povo a colaborar numa farsa e portanto contribuir para lhe criar ilusões acerca da natureza do fascismo.

O Partido definiu a sua posição de outro modo: é verdade que as «eleições» de Salazar são uma farsa, que de eleições só têm o nome, mas isso não nos deve levar a voltar-lhes as costas, devemos sim aproveitar todas as possibilidades de actuação que elas nos abrem (possibilidades que não são oferecidas pela ditadura mas que foram conquistadas pela luta do povo). O Partido defendeu a intervenção nas «eleições», como forma de alargar rapidamente as lutas de massas pelas suas reivindicações mais sentidas, como forma de elevar a luta pelo derrubamento do fascismo a um nível superior.

É certo que outros agrupamentos além do nosso Partido defenderam a intervenção nas «eleições»; mas só o Partido, com a sua crítica firme de princípios ao abstencionismo, mostrou como por detrás do aparente extremismo das concepções abstencionistas se ocultavam as ilusões nos golpes militares ou o temor da luta frontal com o fascismo numa campanha que se anunciava excepcionalmente dura.

O trabalho de esclarecimento do nosso Partido teve larga influência e mostrou que a linha revolucionária para derrubar o fascismo passa pelo amplo aproveitamento das possibilidades legais, pelo alargamento progressivo das lutas parciais e nada tem a ver com o aventureirismo dos golpes armados. Apesar das dificuldades e incompreensões no próprio seio do Partido, a linha da intervenção nas «eleições» acabou por triunfar no movimento democrático em distritos fundamentais, o que representou um êxito da linha do Partido sobre as

concepções oportunistas. Se compararmos este resultado com o que se passou nas «eleições» de deputados de 1957 (onde a tendência abstencionista levou dum modo geral a melhor) vemos como é da maior importância o Partido definir uma linha de actuação baseada nos princípios e lutar firmemente por ela.

2.º As manifestações

Qual é o aspecto mais positivo da campanha eleitoral de 1961?

Aquilo que define esta campanha como uma importante contribuição à luta para o levantamento nacional anti-fascista, são as manifestações de rua, as sessões, as greves, as reuniões amplas e outras acções de massas levadas a cabo em vários pontos do País. Como o Partido tinha previsto, a intervenção nas «eleições» permitiu trazer para a rua muitos milhares de portugueses que se manifestaram contra a ditadura numa unanimidade impressionante, reclamando a Liberdade, a Amnistia, a Paz em Angola. Em Lisboa, em Almada, Alpiarça, Coimbra, Covilhã, Couço e noutras localidades, milhares de trabalhadores, de jovens, de mulheres, lutaram nas ruas contra a polícia fascista ao grito de «Abaixo o medo!». A manifestação do povo de Almada ficou, pela sua combatividade entre as maiores acções anti-fascistas até hoje realizadas no nosso País.

Todos os que desejam sinceramente a conquista da democracia em Portugal não podem negar a importância destas manifestações; em cada uma delas foram ganhos para a luta activa contra o fascismo, novos milhares de trabalhadores, de jovens e pessoas simples que sentiram o impulso das massas em movimento, que fizeram a experiência da força do povo em choque com a polícia fascista. Como o Partido tem repetido, as acções de massas são a escola onde se prepara o levantamento nacional, elas chamam o povo a tomar nas suas mãos a causa do derrubamento do fascismo, em vez de esperar que a liberdade lhe seja concedida por qualquer golpe militar «salvador» ou pela «desagregação» do fascismo. «Só a luta educa a classe explorada», escreveu Lênine; «só a luta lhe revela a grandeza da sua própria força, alarga o seu horizonte, desenvolve as suas forças, esclarece a sua consciência, forja a sua vontade». As grandes manifestações anti-fascistas dos últimos meses, desde o memorável 31 de Janeiro no Porto até à greve dos estudantes de Lisboa, no desenvolvimento das lutas de Outubro-Novembro, mostram-nos que as massas populares estão a tomar rapidamente consciência da sua força imensa e se dispõem a marchar à frente no caminho do derrubamento do fascismo.

As acções de massas de Outubro-Novembro não surgiram espontaneamente. Foi preciso um esforço tenaz e constante do P. para vencer a tendência de muitos democratas para reduzir o movimento «eleitoral» às diligências e reclamações burocráticas que amarram as massas à expectativa. Aprendendo com os erros legalistas de 1958, o CC fez um esforço sério para arrancar as massas a quaisquer ilusões sobre a «eleição» e a boicotar a farsa da «votação», única linha que nas condições existentes permitia alargar a amplitude da luta. Sob a palavra de ordem do Partido: «Não votar! Abaixo a burla!» as massas manifestaram-se combativamente no dia 11 e fizeram uma boicotagem total à votação no dia 12, encerrando a campanha com uma firme disposição de luta. Graças ao combate ao legalismo, a farsa da votação deixou de ser o encerramento duma fase de luta política para se tornar no ponto de passagem e uma fase nova.

3.º Como realizámos o papel de vanguarda da classe operária?

Contudo, apesar dos êxitos conseguidos, o trabalho do Partido para as grandes manifestações não pode ser considerado satisfatório. O aspecto mais grave das nossas deficiências neste campo está na fraca participação da classe operária em quase todo o país e sobretudo em Lisboa.

Algumas organizações do Partido, quer pela sua fraqueza orgânica e isolamento, quer por falta de audácia, quer ainda por uma preocupação mal entendida de defender o Partido, não conseguiram chamar os nossos militantes operários a desempenhar o seu papel de direcção junto das massas, fazendo assim com que os trabalhadores aparecessem dispersos e desorganizados nas manifestações.

O Partido tem que apreciar seriamente as suas dificuldades de mobilização da classe operária como uma situação intocável a que se deve pôr termo rapidamente, tomando em cada organização as medidas políticas e orgânicas que forem necessárias.

Além das graves deficiências orgânicas e de quadros, um erro contribuiu para a nossa limitada capacidade de mobilização operária durante esta campanha: as organizações do Partido não conseguiram ligar capazmente a luta em torno das candidaturas democráticas às reivindicações mais sentidas dos trabalhadores, das grandes massas popu-

lares. Como se indicava no manifesto do CC do nosso Partido, a luta «eleitoral» devia aparecer vinculada à luta pelo fim da guerra de Angola, contra os impostos de guerra, pela Amnistia, pelo aumento de salários, contra a censura, contra as bases militares estrangeiras. Essa seria a condição para a luta «eleitoral» trazer para a rua centenas de milhares de trabalhadores, de jovens, de mulheres.

O exemplo do correcto trabalho de mobilização do Partido entre a juventude de Lisboa, que ocupou a vanguarda das manifestações, mostra bem as possibilidades que se abriam nesse sentido.

4.º É preciso organizar em profundidade

A ditadura, que encarava com temor a perspectiva de a farsa das «eleições» ser transformada numa grande jornada de luta, fez um esforço ainda maior que no passado para encerrar a campanha num círculo estreito e manter as candidaturas democráticas isoladas da massa do povo, recorrendo a todas as arbitrariedades.

Na luta para levar o movimento a romper com a asfixiante repressão fascista, o nosso Partido defrontou em primeiro lugar as suas próprias fraquezas, a debilidade de muitas das suas organizações e a sua falta de ligação com as massas; faltavam em muito lado os organismos sólidos do Partido, as Juntas Patrióticas, as Comissões Eleitorais e Cívicas, que organizassem para a luta muitos milhares de portugueses. Como consequência disto, em fins de Outubro, passada já mais de metade da campanha, ainda o movimento não saíra para a rua e se debatia nas diligências burocráticas, sob a ameaça de ser estrangulado pela repressão.

Só quando começaram a dar os seus frutos as reuniões amplas de democratas, de trabalhadores, de jovens, quando os organismos do Partido e Comissões Eleitorais e Juntas Patrióticas começaram a actuar entre as massas, só então a campanha começou a ganhar envigadura e a impor-se como um grande movimento popular. As lutas e manifestações de Lisboa, de Almada, de Alpiarça, do Porto, de Grândola, etc. apareceram nitidamente ligadas à acção dos organismos do Partido, das Comissões legais ou das Juntas aí existentes.

Podemos dizer que se o nosso Partido tivesse sabido impulsionar mais largamente e desde mais cedo a criação de organismos unitários pela base,

PARA MELHORAR O TRABALHO DO PARTIDO NAS FORÇAS ARMADAS é absolutamente necessário que em todas as organizações se procure saber quem vai ser incorporado e se tomem medidas não só para esclarecer os militantes e simpatizantes do Partido sobre a necessidade de desenvolver também actividade partidária nas forças armadas, como para que sejam feitas rápida e oportunamente as respectivas credenciais.

É também necessário que todos os camaradas que conheçam simpatizantes ou democratas que prestam serviço nas forças armadas procurem organizá-los no Partido ou em organismos anti-fascistas.

É também indispensável que haja iniciativa para a aproximação com os militares que vivem ou fazem serviço nos diversos sectores.

Se isto for realizado, se as organizações tomarem consciência da importância desta tarefa, poderemos vencer as graves deficiências existentes neste sector de trabalho do Partido.

Um controle eficaz destas tarefas partidárias contribuirá poderosamente para a sua realização.

as perspectivas da luta se teriam ampliado muito mais. A falta de organização unitária tornou-se evidente, por exemplo, em Lisboa durante a manifestação do 11 de Novembro que poderia ter tomado maiores proporções.

Mas para estruturar uma ampla rede de organismos unitários é indispensável a existência em todas as regiões do país de sólidas organizações do Partido. A estreiteza e o funcionamento deficiente de muitas organizações do Partido, a falta de um bom número de quadros legais capacitados, tiveram graves consequências não só sobre a amplitude da acção de massas mas também sobre a defesa do aparelho clandestino do Partido que foi levado a abrir a sua movimentação e a expor-se perigosamente aos golpes do inimigo. O êxito da ofensiva policial de Dezembro, tornou-se em grande medida possível pela actividade intensíssima da direcção do Partido, no esforço para suprir as falhas de organização. Assim, estruturar o Partido e ligá-lo às massas por meio de organismos unitários é uma questão vital que se coloca a todos os militantes para o alargamento da luta e para a defesa do Partido.

5.º Lições do trabalho de unidade

Tal como nas anteriores lutas «eleitorais», colocou-se mais uma vez com clareza ao Partido a grande importância de saber aplicar acertadamente a sua linha de unidade.

Apesar da correcção do desvio de direita, verificou-se que o trabalho do nosso Partido estava inicialmente caindo na repetição de erros oportunistas já criticados no passado. Na sua reunião de Setembro, o Comité Central constatou que se estava a verificar uma tendência generalizada para o apelo aos dirigentes dos agrupamentos liberais, aguardando uma unidade de vistas por cima e esquecendo mais uma vez que era imperioso que acções e organização de massas pela base abrissem o caminho à luta «eleitoral» e impusessem a linha justa ao movimento; muitas das nossas organizações aguardaram até muito tarde que surgissem directivas da Junta Patriótica, perdendo a iniciativa política que lhes cabia. O Comité Central tomou medidas para restituir a iniciativa a todo o Partido dando as palavras de ordem: «Tudo para a formação de listas de candidatos» e «Onde não forem

possíveis listas de ampla unidade trabalhar por listas de esquerda». Sem estas palavras de ordem não teria sido possível fazer vencer a linha da luta de massas contra os elementos hesitantes ou francamente abstencionistas que procuravam atrasar por todos os meios a apresentação de candidaturas, recorrendo nalguns casos à descriminação e à paralisação das comissões.

A apresentação de candidaturas em nove distritos dá uma imagem da correcção parcial do trabalho de unidade do Partido. Se em todas as regiões do país as nossas organizações tivessem desenvolvido um profundo trabalho de massas, as candidaturas democráticas ter-se-iam generalizado a todo o país e a luta teria tomado outras proporções.

A poderosa unidade das forças oposicionistas no decorrer da campanha foi conquistada através da firmeza com que as massas democráticas fizeram sentir a sua vontade no desenrolar do movimento. O Partido teve o mérito de se ter guiado sempre pelos interesses profundos das massas, agitar esses interesses e apoiá-los decididamente em todos os momentos; fazendo disso a base dum entendimento com os restantes agrupamentos oposicionistas.

Assim, quando um numeroso grupo de elementos liberais, uma vez publicado o seu «Programa de Democratização da República», tentaram levar à desistência imediata das candidaturas, o Partido, embora tendo o cuidado de evitar todo o motivo para choques e recriminações no campo oposicionista, lutou firmemente contra essa desistência. A desistência imediata, como pretendiam esses democratas, a pretexto da infame repressão fascista, teria sido voltar as costas às massas populares que, apoiadas nas candidaturas, vinham exprimindo com crescente vigor as suas reivindicações.

O desenvolvimento da campanha mostrou que o Partido tinha razão. E se tivesse sido feito um trabalho de mobilização popular mais profundo que levasse os candidatos a conservarem-se na luta até ao último dia da campanha, as acções de protesto de 11-12 de Novembro teriam sem dúvida atingido maior envergadura.

Verificou-se pois mais uma vez que um frutuoso trabalho de unidade tem que assentar a sua base na acção de vanguarda do Partido sem a qual não é possível levar seguramente para a frente a luta popular pela liberdade.

PELA ESTRUTURAÇÃO DO PARTIDO

(das Resoluções do Comité Central de Dezembro de 1960 «Sobre tarefas de Organização»)

A falta de estruturação orgânica tem consequências altamente nocivas para o Partido, designadamente: prejudica o desenvolvimento da organização; prejudica a realização das tarefas políticas e a movimentação de massas; põe em perigo a segurança dos funcionários do Partido e do aparelho central; dificulta o conhecimento, a revelação, o desenvolvimento, a selecção, a educação e a promoção dos quadros; afecta o trabalho político do C.C. e o progresso político e a segurança dos seus membros; ocasiona graves dificuldades quando da mudança dos controladores. Sem uma estrutura orgânica à escala nacional, sem o trabalho colectivo em todos os escalões, podem dar-se «arranques» ou «puxões» à custa do esforço dos funcionários do Partido (muitas vezes pagos com perdas irreparáveis), mas nunca conduzir uma ampla, metódica e bem sucedida acção política...

A estruturação do Partido exige, tanto a constituição de organismos, como a sua vida política regular e o seu trabalho colectivo.